



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JULIANA VIEIRA DE SOUZA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PLANEJAMENTO NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

CAJAZEIRAS - PB

2009

JULIANA VIEIRA DE SOUZA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PLANEJAMENTO NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



S729c Souza, Juliana Vieira de.
As contribuições do planejamento no processo de ensino-aprendizagem / Juliana Vieira de Souza. - Cajazeiras, 2009. 40f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Planejamento de ensino. 2. Prática de ensino. 3. Planejamento na prática pedagógica. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.014.5

JULIANA VIEIRA DE SOUZA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PLANEJAMENTO NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM**

APROVADA EM: _____ / _____ / _____

Prof^ª. Msc. Maria Janete de Lima
(Orientadora)

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

CAJAZEIRAS - PB
2009

DEDICATÓRIA

Dedico com muito carinho a todos que contribuíram direto ou indiretamente com mais essa etapa cumprida. Em especial a minha família: ao meu pai José Eusébio (in memorian) que almejava ver esse momento mas por motivo de doença nos deixou, ao meu pai do coração Júlio Maria Bandeira de Mello (in memorian) que mais investiu na minha vida, que também nos deixou, a minha guerreira Mãe que sem nenhuma instrução me deu forças e me auxiliou nas lutas que aqui encontrei, aos meus irmãos Luiz Carlos Vieira de Souza e Sheila Samita Bandeira de Mello que também torceram por mim.

AGRADECIMENTOS

Quantas lutas enfrentei para alcançar esse momento de vitória. Mas eu jamais participaria de uma batalha sozinha. Por esse motivo, gostaria de agradecer ao Senhor Jesus Cristo pela promessa cumprida, ao Espírito Santo por me auxiliar em tudo, ao meu Deus Pai por me obter essa graça, a minha família por depositar em mim a confiança de ver a primeira formatura da família Vieira de Souza, aos pais espirituais Alexandre e Aurélia terem me incentivado a acreditar nesse sonho, aos meus pastores João Paulo e Elisângela por me consolarem e me fazer persistir nos momentos mais difíceis, aos meus irmãos da igreja por estarem unidos comigo, aos professores e aos amigos de sala que juntos num só objetivo chegamos a concluir.

*“Estou plenamente certo de que aquele que começou
boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de
Cristo Jesus.*

Filipenses 1:6

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I - Contexto histórico do Planejamento da Sociedade.....	10
CAPÍTULO II - Planejamento na Educação.....	18
2.1 Planejamento na Prática Pedagógica.....	24
CAPÍTULO III – Análise dos dados.....	30
3.1 Análise dos questionários dos alunos.....	30
3.2 Análise dos questionários dos professores.....	32
3.3 Análise do questionário do gestor.....	34
3.4 Análise do Estágio.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS.....	41

RESUMO

O planejamento tem se tornado uma ferramenta indispensável não só para a educação, mas tudo o que fazemos na vida. Ele nos leva a cumprir as atividades estabelecidas pelos programas e planos e desenvolver um excelente trabalho através da competência, da reflexão, das estratégias, organização, equipe, projetos, não que seja princípios estabelecidos, mas serve de orientações para nos direcionar aos novos caminhos, pois diversas são as formas de planejar. Vale salientar que para que o planejamento aconteça é necessário que todos participem, inclusive a comunidade. Sem a colaboração se torna difícil um trabalho de qualidade.

Palavras-chave: Educação. Participação. Planejamento. Qualidade. Reflexão.

INTRODUÇÃO

Diante de tantas atividades realizadas na escola, a que ainda deixa a desejar, continua sendo a de planejar. E é preocupante a forma de como os conteúdos são repassados, o que dar a entender é que não há uma preocupação em se organizar em prol de realizar as atividades, sejam elas coletivamente ou não.

O Planejamento é de extrema importância, porque é a forma de organizar os planos, as aulas, os conteúdos que serão realizados para a educação. Com essa realidade, surgiu a necessidade de conhecer o que seria o planejamento, para que serve, suas características. Precisamos analisar se o que hoje se aplica nas escolas tem sido a forma mais viável para a educação e se tem contribuído para a melhoria de ensino-aprendizagem. Em sentido profissional, esse estudo tem por objetivo, acrescentar e enriquecer a minha atuação como futura pedagoga. No intuito de conhecimento: O que seria de fato o Planejamento e qual a sua função dentro da educação no processo de ensino-aprendizagem.

Temos como objetivo geral investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores dos anos iniciais no ato de planejar suas atividades. E como específicos analisar a forma de como é realizado o planejamento, identificar as relações entre planejamento e a aprendizagem dos alunos e conhecer o tipo de planejamento realizado pelos professores em sala.

Através desse trabalho, serão utilizados métodos que facilite a minha compreensão e para que se tenha um grande sucesso em sua realização. Este trabalho será desenvolvido na Escola Coronel Joaquim Matos (Rotary), localizada na Avenida Júlio Marques do Nascimento na cidade de Cajazeiras na Paraíba, com duas professoras, uma do primeiro ciclo e outra do segundo ciclo dos anos iniciais.

Ao abordar a escola, os professores e os alunos, espero explorar bem a relação entre a teoria e a prática dos planejamentos observados e ver se os alunos estão sendo levados a serem transformadores dos conteúdos em sala de aula para a vida.

Após abordagem e as observações, serão realizadas entrevistas de questionários subjetivos com professores e gestores e em seguida, com o resultado da coleta de dados será estabelecida uma discussão com base no que foi realizado e a realidade do contexto específico da escola,

visando os métodos que nos leve a uma qualificação tanto para os alunos quanto para os professores trazendo benefícios para a escola.

No capítulo I, foi introduzido com um relato do contexto histórico do planejamento especificadamente do Brasil, a partir da necessidade emergente de planejar e as reformas que aconteceram ao longo do tempo. O planejamento se tornou indispensável aos processos sociais, incluindo também a sua relação com a educação. As reformas foram introduzidas por profissionais e técnicos das áreas específicas. As reformas foram introduzidas por profissionais e técnicos das áreas específicas.

Dentre as reformas podemos citar as que deram grandes impulsos como a Conferência realizada em Santiago no Chile em 1962 que alertou para a necessidade de estudar e praticar as demandas discutidas junto aos seus patrocinadores, a Proposta da CEPAL, onde a idéia seria de indicar o caminho que os latino-americanos deveriam seguir para a inserção no mercado mundial e o Documento produzido pela UNESCO.

No capítulo II, abordamos a importância do professor planejar. Apresentamos diversos programas e planos que foram criados a partir das reformas, que nos auxilia nas práticas e no desenvolvimento social como a LDB, PCNs, , Plano Nacional, o PDE e o PPP.

No capítulo III, abordamos os professores, alunos e gestores com entrevistas de questionários subjetivos e em seguida das observações foi estabelecida uma discussão entre a teoria e a prática da atividade de planejar na escola. Relatamos também a reflexão sobre a prática do professor, pois acreditamos que o planejamento é o caminho que definirá os objetivos, prioridades, estratégias e onde o educador depositará o seu conhecimento para a realização de um trabalho produtivo.

Apesar de tantas dificuldades encontradas, acreditamos que é através da educação relacionada com um excelente planejamento e de uma boa reflexão das práticas que teremos como educadores, melhores resultados.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO DO PLANEJAMENTO NA SOCIEDADE

Com os estudos profundos sobre a educação, descobriu que há uma relação entre planejamento e educação, com aspectos interligados, interdependentes. No que se reflete numa noção de necessidade, complementariedade, de ciclo. O que leva a perceber que “a educação é pautada como elemento central nos planos de desenvolvimento concebidos em todo o mundo”. (OLIVEIRA, 1997, p. 64)

No Brasil, essa necessidade emergente de planejamento, originou-se por volta da década de 30, na intenção de regulamentar o processo de desenvolvimento econômico, onde o governo passou a elaborar diversos planos e programas na tentativa de abranger toda a sociedade.

Ainda nas décadas de 40 e 50 ficaram marcas deixadas pela euforia da ideologia do desenvolvimentismo, devido ao contexto considerado pela época onde o subdesenvolvimento significava pobreza e o desenvolvimento significava prosperidade. Nesse período, o planejamento passa a ser visto como: “necessário e indispensável ao desenvolvimento social. (OLIVEIRA, 1997, p.66)

Com o surgimento das políticas que fortaleceram estruturas públicas de bem-estar social, por volta da década de 60 houve o início das reformas sociais que foram pautadas nos países da América Latina. Assim, afirma Oliveira:

É notória a centralidade atribuída a partir daí as reformas sociais como meio para obtenção do ambiente propício ao desenvolvimento econômico: “ nesta tarefa haverá que eliminar instituições arcaicas e propiciar a criação de um ambiente social que facilite a realização de todas aquelas mudanças que um processo de desenvolvimento traz consigo”. (PEREIRA, 1974: 66 apud OLIVEIRA, 1997, p. 77)

Exigiu-se que esse projeto tivesse uma boa administração e o planejamento se tornou indispensável aos processos sociais. O caminho para esse planejamento econômico e social centralizado depende segundo Oliveira de uma: “inteligente e acertada planificação de medidas de política econômica e social que fixa objetivos concretos a serem alcançados no menor prazo possível”. (PEREIRA, 1974:66 apud OLIVEIRA, 1997, p. 78)

Com o aliar do planejamento e da educação introduziu as reformas incorporando profissionais e técnicos para inserir nos campos citados. E daí pode-se perceber o papel fundamental da educação que auxilia na formação e na qualificação, vista também como um instrumento para o desenvolvimento através do planejamento afirmando Oliveira em suas palavras:

A educação é colocada como parte essencial do desenvolvimento, devendo ser planejada a partir de um diagnóstico da situação sócio-econômica e educacional, atribuindo maior atenção à formação básica, à superação dos problemas de repetência escolar, à preparação do profissional técnico e a qualidade de ensino. (OLIVEIRA, 1997, p. 81)

Para isso, Conferência sobre Educação e Desenvolvimento Econômico e Social na América Latina, realizada em março de 1962, em Santiago do Chile alertou para a urgente necessidade de estudar e pôr em prática uma reorientação profunda da estrutura e administração dos serviços educacionais com recomendações de se organizarem unidades com hierarquia. Essa conferência, juntamente aos seus patrocinadores OEA, UNESCO, CEPAL, OIT e FAO.

Dentre as unidades, destaca-se o ILPES como um importante centro “formação de especialistas do planejamento educacional e sua função é favorecer o intercâmbio de experiências, métodos de trabalho, instrumentos de execução, resultados de investigação e promover programas de divulgação sobre a natureza e os fins do planejamento educacional. Oliveira afirma que:

A preocupação com uma educação capaz de preparar a sociedade latino-americana para o enfrentamento no mercado mundial, que propicie o seu crescimento econômico qualificando os indivíduos para uma inserção diferenciada neste modelo, inclui, então, a preocupação com os sistemas educativos planejados de forma integrada com o planejamento econômico de cada país. (OLIVEIRA, 1997, p. 81)

Em 1990, passados trinta anos da Conferência, a CEPAL produziu uma proposta de estratégia econômica para a América Latina denominada “Transformação produtiva com equidade”, a sua idéia consistia em indicar o caminho que os países latino-americanos deveriam seguir para sua inserção no mercado mundial. Ela se preocupa com a pobreza.

Dois anos depois, surge em documento, produzido pela UNESCO, “Educación y Conocimiento: ejes de la transformación productiva con equidad, onde a CEPAL irá reforçar a centralidade da educação. O seu objetivo é influir nas políticas nacionais, a partir de uma

análise do setor educacional e de propostas para o continente, pois este documento aborda uma orientação.

Com essa ânsia de desenvolvimento, seria vital a participação do Estado como um articulador das políticas com intenção de garantir a expansão econômica. No Brasil, essa metodologia passou a ser utilizada como instrumento fundamental para o controle no regime militar, só assim, colocaria em prática sua política de conter os processos sociais e ajustá-los a ordem econômica.

Apesar de já terem rompido com algumas reformulações podemos ver que ainda trabalham na perspectiva da recuperação econômica e reajustes sociais a partir de políticas de planejamento. Enquanto se trabalha essa perspectiva, de levar a termo o modelo de bem-estar, nos países centrais começa a agonizar, como modelo de Estado, apontado por uma era de desperdícios, altos impostos, inibidores do investimento, desestímulo ao trabalho, etc.

Entrou em crise o Estado e o endividamento contribuiu para a proposta de um Estado minimalista, se distanciando do ideário social democrata. A partir de agora, apresenta-se o liberalismo como vitorioso, se colocando como única saída para a crise, para a sobrevivência de nações endividadas e estagnadas. Diante desse quadro de crise do estado assistencialista e provedor, Oliveira afirma que:

A necessidade de reformas administrativas se impõe como forma de atribuir condições e possibilidades de crescimento econômico com equidade social. O apelo às reformas vem no sentido de superar (ou evitar) a falência do Estado, recuperando a eficácia dos mecanismos, financiamentos da setor público e das políticas sociais em particular. (OLIVEIRA, 1997, P.87)

Por essas reformas administrativas apresentarem propostas como tendência à descentralização e desconcentração dos poderes de decisão, esse modelo de planejamento passa a ser perseguido e criticado, sendo apontado como um estilo de crescimento que exclui os mais pobres, dando mais ênfase às distorções invés de corrigi-las. Então, o planejamento central começa a ser substituído por formas mais flexíveis de gestão, ajustando-se à realidade imediata. Oliveira diz em suas palavras que:

A realidade emergente aponta para formas pluricentradas de planificação, onde o poder não emana mais exclusivamente do [Estado nacional, classicamente constituído, mas de novas estruturas de poder, onde o Estado funciona como mais um instrumento legitimador de práticas e políticas elaboradas de fora dele. (OLIVEIRA, 1997, p. 88)

Compreende-se que o planejamento não foi descartado, ele tem se adequado à nova realidade de forma heterogênea, móvel e flexível, pautando pela noção específica no tempo, pois acontecem mudanças e transformações em todo instante e por isso a capacidade de previsão deve ser ágil e instantânea para (re) elaborar os processos em face das mutações que vem ocorrendo.

A escola não vai ficar distante, alheia a esses processos, pois o declínio que o Estado vem apresentando, tem provocado mudanças. Nas reformas educativas, o Brasil, percebe uma mudança em âmbito federal, estadual e municipal na década de 90. Oliveira enfatiza que: “São proposições que convergem para novos modelos de gestão do ensino público, calçados em formas mais flexíveis, participativas e descentralizadas de administração dos recursos e das responsabilidades” (OLIVEIRA, 1997, p.90).

Apesar de todas as crises encontradas na história da educação, nos termos: qualidade, quantidade, progresso técnico, equidade social, caráter economicista e mecânico, termos estes que estão fortemente presente nos documentos oficiais em âmbito nacional e internacional, a mesma é apontada como indispensável ao ser humano, acredita-se que é através dela que podemos evitar grandes problemas como o desemprego, marginalização, etc.

Cada um que se empenha em estudar a educação, dependendo do contexto histórico em que se situa ao momento, tem uma visão a respeito da mesma, cada modelo apresentado leva a serem desenvolvidos outros modelos, que sempre uns concordam e outros discordam. Por isso que Dalila Oliveira diz que: “este movimento de transnacionalização pode ser definido com a fusão do econômico e do político nos mesmos pólos de poder.” (OLIVEIRA, 1997, p.93)

Foi declarado, que a educação é direito de todos, mas será que isso tem sido real? De teoria os nossos representantes estão bem, pois se dizem terem ampliado os compromissos com a educação, porém, o que acabam por gerar uma complexidade da gestão, não deixando claro quem são os responsáveis das esferas do governo. Dalila em suas pesquisas relata o que o MEC aponta a respeito das atuais dificuldades de financiamento afirmando:

(...) os recursos disponíveis em cada uma das esferas não são suficientes para o pleno desenvolvimento das demandas, e ao mesmo tempo, ressalta que, aliado a este problema, acrescenta-se um outro de igual ou maior proporção: a má distribuição dos recursos que vem contribuindo para o aumento das desigualdades de acesso e permanência na escola, em síntese, no atendimento a universalização do ensino. (OLIVEIRA, 1997, p.94)

Muitas são as reformas e as propostas que vem surgindo com a intenção de melhorar a educação, chega um tempo em que o planejamento central aparece como objeto ultrapassado, não sendo mais utilizado frente às novas mudanças, essas demandas serão por metodologias. E para que seja possível responder às exigências, é preciso inovar os processos de trabalhos, ou seja, a escola vai precisar se adequar as novas orientações administrativas, as exigências da comunidade ou da sua região. Como diz Oliveira: “Afim, as escolas ainda representam um espaço importante de produção de trabalhadores e consumidores. (OLIVEIRA, 1997, P. 100). É na escola que se espera que aconteça a diferença, que leve os alunos a se prepararem não só para o trabalho, mas para a vida.

Com base nos mais diversificados autores que descreveram sobre o planejamento, em linhas gerais suas definições afirmam que planejamento é a ação de planejar, ou seja, o conjunto de métodos e medidas para uma execução de um empreendimento.

Essa idéia de planejar é muito discutida em nosso dia-a-dia, apesar de ser uma discussão não muito nova, mas que exige a busca de estudos científicos dos educadores para desenvolver os processos educativos. Pois não existe esse planejamento pronto e acabado, todo planejamento é flexível. Nessa perspectiva, podemos considerar que o planejamento é: “processo que consiste preparar um conjunto de decisões tendo em vista de agir, posteriormente, para atingir determinados objetivos.” (TURRA, p. 13)

O planejamento exige que se pense no futuro, para que, através do conjunto, venha a possibilitar à pessoa ou ao grupo atingir os seus objetivos. Atualmente, a educação ganhou grande confiança e atenção dos legisladores, educadores e autoridades, por que é por meio do planejamento que acontecem as mudanças, renovações e progressos, e por também necessitar de organização.

Existem vários tipos de planejamentos, mas os elementos que constituem o planejamento podem servir para qualquer um deles. Os elementos são estes: prever necessidades,

racionalização dos meios e dos recursos humanos e materiais, visar o alcance de objetivos em prazos e etapas definidas e requerer conhecimento e avaliação científica da situação original, pois a ação de planejar implica a participação ativa de todos os elementos e deve priorizar a busca da unidade entre teoria e prática, partindo da realidade concreta. Com o auxílio dos elementos citados podemos definir que: “Planejar, portanto, é pensar sobre aquilo que existe sobre o que se quer alcançar, com que meio se pretende agir e como avaliar o que se pretende atingir” (MENEGOLLA, 2005, p. 21)

Mesmo diante de tantos questionamentos, é possível compreender o porquê de não gostar de planejar, simplesmente porque planejar exige muito trabalho e qualificação. A falta de responsabilidade, o fazer de qualquer forma e a desqualificação profissional acabam desmotivando até os demais para a execução do planejamento. E Gandin afirma que além disso:

Ainda há a falta de capacitação técnica das pessoas que “planejam” ou mesmo que coordenam a feitura de planos, o que termina levando os planos à ineficiência. Não seguindo alguns princípios fundamentais e não utilizando técnicas apropriadas à vivência desses princípios, a escrita de planos está fadada a ser uma atividade pouco rentável, completamente inútil ou, até perigosa (GANDIN, 1999, p. 14).

Muitas vezes, as causas externas acabam contribuindo para que o planejamento não mereça o cuidado sério das pessoas que julgam de grande significado e suas ações terminam num só caminho: (...) “o planejamento é para mudança, para a transformação, o que, provavelmente, não é o desejo dos “donos” de nenhum dos setores de atividade humana (...)” (GANDIN, 1999, p. 15).

È por isso que é necessário planejar, para que o processo seja repensado. Porque o planejamento é visto também sob uma perspectiva crítica da educação, passando a extrapolar a simples tarefa de se elaborar um documento contendo todos os componentes tecnicamente recomendáveis.

(...) entendermos que um planejamento dirigido para uma ação pedagógica crítica e transformadora possibilitará ao professor maior segurança para lidar com a relação educativa que ocorre na sala de aula e na escola como um todo. Nesse sentido, o “planejamento adequado”, bem como o seu resultado – “o bom plano de ensino” – se traduzirá pela ação pedagógica direcionada a forma a se integrar dialeticamente ao concreto do educando, buscando transformá-lo (LOPES, 1991, p. 43).

Para que essa perspectiva crítica de educação se desenvolva, surgiu a escola, uma instituição com significado de local de acesso ao saber sistematizado historicamente acumulado. Os conteúdos que constituem esse saber elaborado não poderão ser consideradas de forma estática e acabadas, porque se trata de conteúdos dinâmicos, articulados dialeticamente com a realidade histórica, ou seja, deverão estar estreitamente relacionados com a experiência de vida dos alunos. Nesse processo educativo é preciso expressar ações como a reflexão crítica, a curiosidade científica, a investigação e a criatividade. Nas palavras de Antônia, ela diz que:

(...) Entendemos que uma educação integradora, onde professores e alunos produzam conhecimentos a partir da participação da escola na sociedade e vice-versa, estará formando efetivamente um educando com possibilidades de contribuir concretamente para a transformação da sociedade (LOPES, 1991, p.50).

Não desconsiderando os demais tipos de planejamento, será abordado com mais eficácia o planejamento participativo na escola, que é aquele voltado para os conhecimentos internos da mesma, mas que abrange toda a comunidade como declara Lopes que: “ Sob essa perspectiva, o planejamento de ensino deverá ser assumido pelo professor como uma ação pedagógica consciente e comprometida com a totalidade do processo educativo transformador, o qual, emergindo do social, a ele retorna numa ação dialética.” (LOPES, 1991, p.52).

Esse planejamento se destaca ainda na perspectiva da escola cidadã. A escola cidadã é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela, ou seja, é uma escola de comunidade, de companheirismo.

Na escola, a aula é a forma predominante de organização do processo do ensino, onde organizamos a idéia dos conteúdos e tomamos uma base do que será concretizado na prática, também é onde o professor estabelece uma ponte de ligação entre as tarefas cognitivas e as capacidades dos alunos para enfrentá-las, de modo que os objetivos da matéria sejam transformados em objetivos dos alunos. Como relata José que:

(...) É na aula que organizamos ou criamos as situações docentes, isto é, as condições e meios necessários para que os alunos assimilem ativamente conhecimentos, habilidades e desenvolvam suas capacidades cognitivas (...) (LIBÂNEO, 1994, p.241).

O plano de aula é um detalhamento do plano de ensino, a sua preparação é uma tarefa indispensável, pois se deve resultar num documento escrito que servirá tanto para orientar as ações do professor quanto possibilitar revisões e aprimoramento de tempo em tempo.

Na sua elaboração, deve lembrar que a aula é um período de tempo variável e nem sempre conseguimos repassar tudo em uma só aula, e o professor deve sempre dar uma recapitulada no conteúdo anterior para iniciar o novo conteúdo e deve seguir uma seqüência lógica, na forma de conceitos, problemas e idéias.

Para se obter um planejamento com sucesso, é necessário seguir os princípios do mesmo e não colocar de qualquer forma no fazer e na aplicação. É ver não só do ponto de vista simples como o de realizar uma aula, mas do ponto de vista da educação em si, de uma perspectiva crítica e de perspectiva cidadã da escola, analisar o papel de cada um deles e fazer com que todos tenham a sua colaboração dentro do que está sendo exigido. Mas que seja realizado com responsabilidade para que sejam bem sucedido.

Sabe-se que a escola é um segmento da sociedade, ou seja, a escola está comprometida com a continuidade das relações de dominação e de exploração. Apesar desses riscos, a escola pode ser um lugar de possível educação consciente, criativa, crítica e participativa. Esse planejamento não pode reduzir-se a integrar escola-família-comunidade, mas visar a realização das pessoas e a transformação da comunidade.

Esse planejamento tem como objetivo proporcionar uma compreensão ampla de planejamento, numa perspectiva utópica, levando-se em conta o entendimento explicitado na opção da pessoa, educação e sociedade.

Para o planejador exercer todas as tarefas no campo educacional sozinho, seria complicado. Considerando a importância desse processo, subdividiu em cargos e funções para justificar as tipificações, classificações de cargos, processo de seleção, divisão de encargos entre outras tarefas que exige qualificação devido a modernização e a racionalização.

CAPÍTULO II

PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO

Com o auxílio do planejamento, que nos leva à reflexão sobre a educação, foi criado programas e planos que nos permite novas colaborações nas práticas e no desenvolvimento social com intenção de melhorias. Entre os programas e planos pode-se destacar: a LDB, os PCN'S, o Plano Nacional, o PDE e o PPP, onde serão abordados com ênfase maior. Mas, para que os mesmos entrem em vigor, requer instrumentos jurídicos e compromisso fundado em diretrizes consubstanciado em plano de metas concretas.

A **LDB (Lei de Diretrizes e Bases)** é a documentação registrada e decretada, onde vai esclarecer o que se espera da escola e onde tem as normas de como deve ser a mesma. Como afirma Guiomar que: “As diretrizes curriculares nacionais são normas obrigatórias que orientarão o planejamento curricular de escolas e sistemas de ensino, fixadas pelo Conselho Nacional de Educação por meio da Câmara de Educação Básica.” (MELLO, 1999, p. 1). Ela é constituída pela Lei acompanhada por títulos, artigos e parágrafos que vai esclarecendo a normas a serem obedecidas, princípios e fins. Como argumenta Guiomar em uma das suas pesquisas:

A LDB 9394/96, antes de mais nada, enfatiza competências cognitivas, começando pelas finalidades gerais da educação básica, na qual a capacidade de aprendizagem tem um grande destaque. Revertendo o foco do ensino para a aprendizagem, se trata de ensinar um conteúdo específico, mas sobretudo de desenvolver a capacidade de aprendizagem de diferentes conteúdos por todo o ensino fundamental. (MELLO, 1999, p. 1)

O que podemos destacar ainda, é que a LDB 9394/96 trabalha para contribuir na educação a autonomia intelectual, o conhecimento dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos, a relação entre a teoria e a prática em cada disciplina do currículo e o destaque para os significados, não adianta desenvolver atividades só por fazer, precisam ser significativas. Além da questão legal, a LDB enfatiza o próprio desenvolvimento educacional, deixando claro o que o aluno que passa a sua vida no processo de ensino precisa fazer, pois se exige que este saia da escola com no mínimo um projeto de vida.

Os **PCN'S (Parâmetros Curriculares Nacionais)** constituem de fato, um referencial de qualidade para a Educação no Ensino, onde a sua função é de orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e

recomendações subsidiando a participação dos técnicos e professores. Configura-se de uma proposta flexível, concretizada a partir da realidade do aluno, não pretendendo resolver todos os problemas, mas impõem a necessidade de investimentos em diferentes frentes, como a formação inicial e continuada de professores, política de salários dignos, a qualidade do livro didático entre outros, na busca de qualificação. Como declara a Secretaria de Educação que:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, referenciais para a renovação e reelaboração da proposta curricular, reforçam a importância de que cada escola formule o seu projeto educacional, compartilhado por toda a equipe, para que a melhoria da qualidade da educação resulte da co-responsabilidade entre todos os educadores. (...) (SFE, 2001, p. 9)

Os parâmetros têm por objetivo contribuir, para que profundas e imprescindíveis transformações aconteçam no âmbito educacional, posicionando o professor como o principal condutor dessa jornada.

O (PND) Plano Nacional de Desenvolvimento

A IPND (I Plano Nacional de Desenvolvimento) em suas discussões integra as estratégias de se um plano de reformas, de crescimento e de combate a pobreza, porém com a mesma perspectiva. “Na realidade, o PND é uma determinação das relações sociais, econômicas, políticas e, sobretudo do mandonismo dos “donos” do poder no Estado capitalista, agora em transição”. (CALAZANS apud KUENZER, 2001, p.17)

Não podemos negar que os países comandados pelo capitalismo monopolista, o próprio planejamento torna-se um reforçador nas relações sociais, nas relações de trabalho, de produção. Exige-se que:

O planejamento desenvolve-se em escala elevada principalmente no âmbito das atividades econômicas (...) tendo em vista dinamizar e induzir negócios. Também as atividades sociais, culturais e outras são alcançadas ou induzidas pelo planejamento. O planejamento se transforma em uma força produtiva complementar (...) também a cultura, em sentido amplo, passa a ser influenciada, induzida, ou controlada pelo poder estatal. O ensino, o rádio, a televisão, o jornal, o futebol, o carnaval, muito da atividade cultural. Trata-se de transformar essas atividades em um poderoso meio de legitimação do sistema de poder (...) sob a ditadura militar, o Estado se desloca largamente da sociedade civil. Cria-se um abismo entre amplos setores da sociedade e do aparelho estatal. Reforça-se a imagem e a realidade do Estatal como aparelho de ocupação.” (IANNI apud KUENZER ,pp.18,19)

Os papéis a serem desenvolvidos na escola são de extrema importância, mas infelizmente os organizadores não usufruem ou não administram de uma maneira melhor o que o Estado

oferece, como os projetos de alimentação, saúde, habitação, educação, etc. Pode-se dizer que na maioria das vezes que:

A escola é transformada em “bazar” onde as migalhas são desenvolvidas em troca dos direitos conquistados. Unam-se formas de cooptação para encapar os projetos criados em nome de “benefícios sociais” para as classes trabalhadoras. (VALAZANS apud KUENZER, 2001, p.20)

Com base nos programas de ajuda que se estabelecem vão buscar nos países centrais de ajuda técnica e capitais para financiar estes projetos e programas que apressariam os processos de modernização e aceleração do crescimento, com intensidade maior na América Latina e no mundo subdesenvolvido.

Um trabalho realizado assim, os resultados são precários como pessoas sem qualificação ensinando, chega a prejudicar as funções básicas como ler, escrever contar e sem falar que a remuneração é péssima. E tratando de escolas na zona rural, além de tudo isso, ainda ocupam dois ou três cargos ou funções diferentes para tentar preencher as lacunas. Estes são traços da ampliação dos políticos sociais do Estado brasileiro, fruto da falência das políticas econômicas, atingindo direta e indiretamente a escola. (CALAZANS apud KUENZER, 2001, p. 21)

Mudar o planejamento da educação tem sido o foco, mas não é algo fácil, impor o novo, é necessário conhecer os planos arcaicos, burocrata e ditatorial, suas concepções, forma de tratar professores, alunos, afinal à escola. Esse plano antigo não se pode jogar fora.

É no direcionamento de “refutar o velho” e construir o novo que podemos investir (os educadores brasileiros que defendem uma educação crítica) num trabalho de planejamento de educação- em todas as instâncias de poderes no Estado-, cujo ponto de partida e de chegada deverá ser a valorização e a democratização da Escola Pública. (CALAZANS apud KUENZER, 2001, PP.32)

Para planejar, o profissional deverá ter uma formação diversa, considera-se que hoje, o profissional do planejamento se encontra despreparado para enfrentar a multiplicidade de situações no seu trabalho. É preciso rever a formação do profissional, buscar um novo quadro, algo difícil, pois necessita integrar conhecimentos de educação, sociologia, política, economia com técnicas específicas de planejamento. Seria importante que os profissionais praticassem no sistema educativo. Sendo assim, o planejador contemplará possibilidades de diferentes instâncias de atuação como unidade escolar, município, estado, união. Estabelecer ainda a criação de projetos pedagógicos é uma ótima estratégia para tentar solucionar os problemas, o

que não é bom é que quando se encontra dificuldades não põem o projeto para frente muitas vezes, pois Acácia diz que:

Quando se fala, pois, da necessidade de um novo, estilo de diagnóstico, isto não significa a pretensão de se adotar mais um modelo formal de levantamento de dados, mas estabelecimento de novas formas de leitura e de articulação com o real de modo a permitir decisões políticas que efetivamente conduzam à universalização da educação básica, entendida como o acesso de todos ao saber socialmente elaborado, assegurada a qualidade do processo, definidas pelas necessidades concretas do cidadão trabalhador. (KUENZER, 2001, p.65)

Vale ressaltar que as realidades entre uma e outra região são totalmente diferentes. Até mesmo numa cidade a realidade do centro é diferente da realidade da periferia. O importante é que se tem um projeto que tenha também a direção de onde quer chegar, sem direção não há mudanças.

A direção exige que o planejamento voltado para a transformação da realidade tenha integração, articulação e continuidade, características primordiais. Porém afirmam que:

Estas características têm estado absolutamente ausentes do processo de planejamento e gestão da educação nos últimos anos, que têm sido marcados ao mesmo tempo pela falta de direção, pela descontinuidade administrativa e pela desarticulação tanto no interior dos órgãos públicos quanto nas reações entre eles. (KUENZER, 2001, p.72)

De início, a discussão do que se pretende fazer com a educação nacional é o que interessa, para saber de onde virão as estratégias de articulação interna e externa. Pois o planejamento exigirá a participação dos setores organizados.

È neste momento que surge a necessidade da instauração de um processo participativo e integrado de discussão, investigação, decisão e ação, que deverá envolver os profissionais de educação e as formas organizadas da sociedade (sindicatos, partidos, associações etc). (KUENZER, 2001, p.75)

Os que participarão do planejamento serão as pessoas que são atingidas pelo problema que esta sendo investigado. Como os profissionais e órgãos do Estado que têm o poder de intervir sobre a realidade, são eles: órgãos de administração em nível federal, estadual, municipal, agências de formação de professores e demais que atuam no setor social como saúde, agricultura, alimentação, dentre outros. (...) Fazer planejamento tomando como ponto de partidas questões concretas significa, pois, criar canais para a expressão e discussão desse saber, na tentativa de melhor compreender e interferir na realidade junto com os que constroem no cotidiano. (KUENZER, 2001, p.77)

A proposta, que no processo de investigação e intervenção, é de que a participação se constitua em espaço pedagógico independente das limitações entre a prática e a teoria, com uma tecnologia tão avançada, onde tudo se encaminha muito rápido, a educação ainda se encontra precária encontrando um número alto de repetências, evasão, analfabetismo por falta de um planejamento centralizado, mesmo tendo um planejamento educacional relacionada entre União, Estado e Município que é um sistema para tentar melhorar a Educação brasileira. Acredita - se que:

Nesta ótica, será possível, efetivamente, discutir descentralização, municipalização, sem cair na demagogia, no populismo, ou no descompromisso mas articulando a perspectiva necessária da unidade nacional às necessidades e possibilidades estaduais e municipais. (KUENZER, 2001, p.88)

Precisamos continuar buscando e acreditar que haverá mudanças na educação e cada vez, para melhor, pois é isso que se pretende chegar com essas inovações com planos e projetos, através dos planejamentos realizados.

O PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola) é um plano de desenvolvimento da Educação, que procura superar as defasagens históricas propondo que a educação seja tratada com unidade, ampliando o horizonte educacional de todos, independente de como esteja o ciclo educacional.

Os programas que compõe o plano expressam a orientação de construção da autonomia, formando indivíduos capazes de assumir uma postura crítica e criativa frente aos desafios. A própria República, fixados pela Constituição Federal de 1988, remete construir umas sociedades livres, justas e solidárias, para garantir os desenvolvimentos nacionais, tentando erradicar a pobreza e a marginalização, para reduzir ainda mais as desigualdades sociais e regionais promovendo o bem estar de todos sem preconceitos de raça, origem, cor, idade ou qualquer outra discriminação. Isso é o que o informe publicitário concorda, que: “O PDE pretende responder a esse desafio através de um acoplamento entre as dimensões educacional e territorial operado pelo conceito de arranjo educativo.” (IP, 2008, p. 4)

O PDE pretende ser mais que a tradução instrumental do Plano Nacional de Educação (PNE), por apresentar um bom diagnóstico dos problemas educacionais, mas, deixa em aberto a

questão da qualidade. Vale salientar de que aparecem oposições ao plano, porém ele procura superar essas falsas oposições através de uma visão sistêmica da educação.

O mesmo está sustentado em seis pilares: i) visão sistêmica da educação, ii) territorialidade, iii) desenvolvimento, iv) regime de colaboração, v) responsabilização iv) mobilização social – procurando colaborar com as normas gerais da educação articulando com o desenvolvimento socioeconômico que se realiza no território, ordenado segundo a lógica do arranjo educacional.

O PPP (Projeto Político-Pedagógico) é um projeto que cabe a escola elaborar e desenvolvê-lo a partir da necessidade particular da escola. Envolve a participação de todos que compõem a escola para a tomada de decisões.

Compreendendo que todos devem participar dessas decisões a serem acatadas, são estabelecidas regras de como solucionaram os problemas, quais serão as cabíveis decisões e por qual será o alinhamento que deverá seguir. É importante a participação dos pais, alunos, associações do bairro, entidades comunitárias, diretor, professor, coordenador pedagógico, assistente técnico-pedagógico, supervisor de ensino desde que cada um exerça a sua função, buscando desenvolver o seu trabalho de acordo com o que foi estabelecido coletivamente.

Uma das exigências do PPP é a construção do marco referencial que pode ser elaborado a partir dos passos seguintes: a) da visão de mundo, valores e compromissos que a escola está assumindo; b) saber os problemas e as maiores necessidades dessa escola e c) que rumo deseja que seja tomado daqui para frente. Pois declara Roberto Padilha que:

A partir dos dados disponíveis e das discussões até então realizadas, os participantes terão condições de estabelecer possíveis saídas para os problemas levantados, e, mesmo, de organizá-las por categorias, ou seja, definir, hipoteticamente, estratégias, e ações específicas (...) para as atividades pedagógicas, para as administrativas, comunitárias e financeiras da escola. (PADILHA, 2005, p. 81)

Esse projeto realizado nas escolas revela que direção a escola precisa caminhar e leva todos a conhecerem a realidade da escola e a partir disso, levar a todos a contribuírem com o progresso da escola.

2.1 Planejamento na prática pedagógica

De acordo com os depoimentos colocados pelos professores atualmente, pode-se observar os dilemas e questionamentos feitos pela boa parte dos seus momentos de reuniões para a reflexão. E o mais comum: “As escolas e os professores não querem mudar”.

É relevante refletir sobre esses sistemas, porque é notório que precisamos mudar muita coisa é verdade, até para levar o ensino aos novos paradigmas educacionais. É notório que há escolas que até conseguiram pôr em prática essa mudança, mas outras ainda sofrem com as resistências e a falta de estrutura ou falta de interesse.

Há um caminho que nos auxilia nessa inquietação, este caminho é o planejamento. Ele é quem define os objetivos, as prioridades, as estratégias e é através dele que o educador depositará o seu conhecimento para obter um trabalho produtivo.

A escola do século XXI tem a idéia de se trabalhar os professores para desenvolver nos seus alunos a autonomia, a partir de suas idéias e métodos, levando-os a se tornarem agentes transformadores. Já não funciona mais, aquele professor reprodutor.

Para que o educador desenvolva um excelente trabalho é importante para a sua prática, seis elementos base para quem pretende mudar:

COMPETÊNCIA - O professor precisa está capacitado para ensinar, está apto a levar aquele conhecimento a outros. Sem essa capacitação, torna-se impossível desenvolver sua prática docente. Segundo Ivone o bom professor mestre precisa:

- _ Ser um guia para ajudar o estudante a explorar, reconstruir e situar-se no meio cultural onde vive;
- _ Criar situações que facilitem a aprendizagem de procedimentos que contribuam para a construção da autonomia pessoal;
- _ Oferecer métodos de organização para o trabalho que possibilitem a construção de uma disciplina pessoal mais rígida;
- _ Dar indicações de atitudes e responsabilidades que lancem as condições para o desenvolvimento do sentido da justiça;

_ Apoiar atitudes de companheirismo e solidariedade que estimulem o respeito mútuo. (IVONE, 2000, P. 24)

REFLEXÃO – é necessário refletir sobre tudo o que se trabalha e como trabalha na escola. É bom que se examine toda a sua prática, desde as aulas propriamente ditas como os exercícios que serão aplicados no decorrer do ano. Essa observação nos leva a aperfeiçoar essas atividades.

ESTRATÉGIAS - é a arte de aplicar os meios disponíveis ou explorar condições favoráveis com vista nos objetivos específicos. O professor deve explorar bem a sala de aula, de forma que fique tão aconchegante quanto a nossa casa. Por exemplo: Cantinho da ecologia, carteiras na forma da letra U, boas-vindas, mapas, livros didáticos expostos, cartaz para lembrar os aniversariantes, brinquedos, sucata, cartazes, painel, músicas, leitura de gibis, revistas e jornais. Estes exemplos podem enriquecer as aulas.

ORGANIZAÇÃO- Como é importante estabelecer as bases cada instituição, levando a se disponibilizarem para as funções cabíveis. Para que saiba onde queremos chegar, é bom priorizar a sociedade em que vivemos. E estas normas e regras são para que se mantenham ordenado, pois sem elas, seria difícil de permanecer, é preciso aprender que tem gosto para tudo, tudo tem o seu momento.

EQUIPE - para que essas funções estabelecidas funcionem é necessário entrosamento, entre os professores, direção, coordenadores, funcionários e pais, não há como trabalhar sozinho. Chega de pensar nas salas isoladamente. A perspectiva certa é a do todo, como afirmou Beatriz Hanff: “Trabalhar assim é ampliar a participação da coletividade” (HANFF, 2000, P.29)

Há muito ainda para mudar nas escolas como menciona Beatriz:

(...) o modelo dominante ainda é o que está assentado numa prática individualista e fragmentada, “baseado em conteúdos preestabelecidos, com métodos de avaliação excludentes e numa gestão que dispensa o trabalho em grupo”. Mas nem tudo está perdido. (HANFF, 2000, p.29)

É necessário que todos participem, cada um fazendo a sua parte. Pois será impossível realizar um trabalho de qualidade sem a participação de todos que compõem a escola.

PROJETOS- é o plano que se estuda e analisa para executar com a colaboração dos alunos e professores. Tem sido um método inovador onde tem levado à execução das atividades planejadas. O professor de projetos é encarregado pelo desenvolvimento dessas tarefas priorizando as competências e o apoio dessas atividades em sala. Deve ser realizado encontros semestrais para tratar dos objetivos gerais ou específicos e discutir do que se deve pôr em prática convidando os pais para opinar sobre os métodos que estão sendo utilizados.

È relevante às formas de planejamento. Atualmente, alguns planejam para a comunidade, porém apenas um controla e se responsabiliza por tudo. Outros planejam com a comunidade, onde acontece a participação da mesma, mas o poder continua nas mãos de poucos e torna-se insignificante e pequena. E ainda outros que o planejamento é da comunidade, mas a própria comunidade tem sua participação na preparação, na elaboração e na execução, esse é o modelo ideal de planejamento participativo, como menciona Gandin em suas palavras:

(...) Ser o planejamento participativo é um desafio para os verdadeiros educadores, exigindo daqueles que pretendem realizá-lo muita disponibilidade, coragem, persistência, tenacidade, garra, espírito de luta. Não é trabalho impossível, mas plenamente viável, apesar de todos os empecilhos colocados pelo sistema e por educadores descompromissados com a tarefa que abraçaram como profissão: educar as novas gerações de brasileiros conscientes e livres. (VIANNA apud GANDIN, 1986, p. 30)

Infelizmente não são todas as pessoas que encaram o planejamento como algo imprescindível, deixando suas aulas muitas vezes sem dinamismo, sem estímulo pela falta de compromisso na ação de planejar.

A escola pode ser um campo, entre outros, onde os educadores, que desenvolvem práticas sociais formadoras dos trabalhadores, deveriam considerar o saber social produzido, quer nas relações de trabalho, quer nas lutas específicas de cada categoria em suas participações com o saber elaborado, fortalecido através da pedagogia adequada à prática democrática dos trabalhadores. (CALAZANS apud KUENZER, 2001, p.14)

O sistema educacional vem passando por transformações, pois a cada proposta lançada, são discutidas e depois aplicadas na escola. As atividades realizadas são aperfeiçoadas de acordo com as necessidades dos alunos. O intuito é que esses sistemas se transformem em canais de

reordenamentos para que a escola seja um centro capaz de participar do jogo de forças presentes na sociedade. Considerando que planejar não é tarefa fácil, é algo que exige muito de nós, concordo com as palavras de Paulo Roberto que:

(...) a atividade de planejar é atividade intrínseca à educação por suas características básicas de evitar o imprevisto, prever o futuro, de estabelecer caminhos que podem nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, especialmente quando garantida a socialização do ato de planejar, que deve prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação. (PADILHA, 2001 p.45)

Levando em conta a educação como processo de reconstrução do homem em todas as suas dimensões, pessoais, sociais, culturais e históricas, essa relação por sua vez, é interferida entre o homem e a natureza interrompendo com o processo evolutivo da própria natureza.

O homem vive num mundo onde tudo parece ser imutável, mas ele não é destinado a isto, o seu destino não é pronto e acabado, pelo contrário, é um ser de busca contínua, determinado, porém não definitivo, pois se fosse definitivo estaria andando contrário a sua natureza. O homem tem um aspecto inalienável, a sua capacidade de fazer escolhas livres e conscientes. Apesar dessa capacitação que o homem possui para que faça as suas opções, precisa do objetivo educacional. A previsão é uma atitude imprescindível para o planejamento, pois assim deduz o planejamento como instrumento básico do processo educativo a nos direcionar, partindo do homem e o seu viver. A educação deve estabelecer as direções, traços caminhos, indicar metas, fins e objetivos. Para isso é necessário que o processo da educação faça uma previsão, isto é, que se estruture através de atitudes científicas. (MENEGOLLA, 2005, p.24)

Esse planejamento do processo educativo é para que o homem não se limite para a vida, mas que vise superar os obstáculos e a enfrentar o desconhecido para optar pelas suas escolhas dentro dos seus direitos e possibilidades. Já se fosse planejada de uma só forma, seria um planejamento robótico, ou seja, que levaria o homem a ser manipulado, alienado. Sem libertação. Então:

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque a educação não é um processo, cujos resultados, podem ser totalmente pré-definidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos decorrentes de uma ação puramente mecânica e impensável. Permitindo, com isso, que a educação ajude o homem a ser criador de sua história. (MENEGOLLA, 2005, p.24)

A educação não tem a finalidade de estabelecer princípios definitivos, para o planejamento, apenas orienta a busca para as novas direções, novos caminhos, atitudes ou decisões que deverão ser tomadas de acordo com as suas necessidades.

Esta finalidade não pode ser estabelecida como se fosse algo já pronto e acabado para as mais diversas realidades circunstanciais. Se assim procedesse, não permitiria ao indivíduo “caminhar para frente”, assumir a sua independência e se compromissar com a realidade de maneira consciente. (MENEGOLLA, 2005, p. 26)

Enfim, o processo utilizado para a libertação é a educação e, o seu planejamento não deve restringir o potencial do homem impedindo de escolher os seus valores e de ser auto determinado em seus caminhos em sua trajetória seguir. Com o auxílio da filosofia como orientadora e impulsora da ação educativa, que seja desenvolvido um planejamento reflexivo nos princípios educacionais e que desenvolva também no homem a vontade e a força de lutar pela vida independente das circunstâncias. Essa educação jamais poderá ser desenvolvida sozinha, fora do contexto dos termos, que o homem se encontra inserida como agente e paciente dessas circunstâncias.

O planejamento educacional é um plano elaborado cientificamente para atender as demandas urgentes na melhor direção, em qualquer termo, como nacionais, estaduais, regionais, comunitários, específicos ou referentes as disciplinas ou conteúdos, ou seja, é um instrumento básico para que todo processo educacional desenvolva a sua ação. O planejamento educacional não pode ser confundido ou interpretado como se fosse uma planificação das atividades de ensino ou das atividades didáticas de uma escola. (MENEGOLLA, 2005, p.31)

Diante desses aspectos é papel da escola elaborar os seus planos dentro da realidade de cada sala de aula e de acordo com o contexto da sua população alvo. Esses pontos são essenciais para a elaboração do planejamento participativo, não é uma receita de bolo, mas exige dedicação, tempo e acima de tudo compromisso para que seja executado com sucesso.

Esse exercício de planejar, o ser humano faz todos os dias, às vezes não se torna formalizado e nem escrito, mas utilizamos em nossa vida diária, todas as vezes que pensamos em chegar a um ser determinado fim, isso é planejamento.

“A crítica permanente em que implica o planejamento, transforma-o num instrumento que possibilita a superação das rotinas, dando à ação humana uma reorganização contínua e consciente” (ELAP apud GANDIN, 1999).

As situações que enfrentamos exigem que planejemos e à medida que vai se tornando complexas, somos obrigados a uma maior sistematização de pensamento e de ação para compreendê-las e transformá-las.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Análise dos questionários dos alunos

Essa análise foi realizada na escola Coronel Joaquim Matos, localizada na Avenida Júlio Marques do Nascimento, na cidade de Cajazeiras na Paraíba na turma do 5 ano. A finalidade do estudo tem por objetivo explorar a relação entre a teoria e a prática de planejar na escola.

_ A primeira questão abordava o seguinte: Como são as aulas da professora?

Os alunos afirmaram que as aulas são boas, dinâmicas, educativas, que ela explica bem e que quando não tem aula dá vontade de chorar.

Assim devem ser as aulas, de forma que os alunos gostem e fiquem com um gostinho de quero mais. Pois José Carlos afirma que:

(...) É na aula que organizamos ou criamos situações docentes, isto é, as condições e meios necessários para os alunos assimilarem ativamente conhecimentos, habilidades e desenvolvam suas capacidades cognitivas.
(...) (LIBÂNEO, 1994, p. 241)

Porém para que isso aconteça, é necessário planejar bem as suas aulas, para não correr o risco só de reproduzir o conhecimento.

_ Quando perguntado: Você está satisfeito com essa forma da aula? O que você gostaria que mudasse? Como opção tinha os recursos a metodologia, a sala de aula e uma espaço reservado para outra resposta.

A maior parte dos alunos respondeu que estavam satisfeito com as aulas, mas reclamaram da estrutura física da sala, disseram que não tem espaço para a professora explorar os conteúdos. Outros disseram que por causa do espaço, ela se limita ao livro didático, giz, quadro, e que seria interessante se mudassem os recursos. Outros citaram ainda que necessitassem de ventiladores, cadeiras novas, melhora na merenda e que tivesse Educação Física. Reconhecendo a importância da escola, Acácia afirma que:

A escola pode ser um campo, entre outros, onde os educadores, que desenvolveram práticas sociais formadoras dos trabalhadores, deveriam considerar o saber elaborado, fortalecido através da pedagogia adequada a prática democrática dos trabalhadores. (CALAZANS apud KEUNZER, 2001, p. 14)

Não só as crianças, mas o professor precisa de um ambiente preparado para os educadores e a escola deve fornecer as condições. Esse fato foi citado como necessário para que se realize um trabalho com sucesso.

_ A terceira pergunta: Como você considera o trabalho da escola, quanto ao planejamento com os educadores?

Grande parte dos alunos afirmou que o trabalho escola realiza é ótimo. Outra parte afirma que é bom. Podemos perceber que apesar de ser uma escola pequena e com essa dificuldade em sua estrutura física, a gestão juntamente com os professores desenvolvem um excelente trabalho, que por sinal, é uma escola bem conceituada pela sua comunidade. Isso revela que mesmo sendo uma tarefa complexa, onde as condições que tem não das melhores, não impede que dentro das suas possibilidades façam um bom trabalho, basta apenas planejar.

Ao abordar a seguinte questão: O que você mais gosta na escola? Entre as opções tinha recreio, aula, brincadeiras, eventos e um espaço reservado para outra resposta.

As crianças em sua maioria, responderam que gostam mais das aulas, outros opinaram que gostam das brincadeiras e dos eventos e uma menor parte responderam que gostam do recreio. Observando as crianças percebemos que eles reconhecem a importância das aulas, pois são nelas que aprendem o significado real do conhecimento. Neste sentido, para que o professor faça essa mediação entre o que eleja sabe com o saber científico é preciso planejar bem.

_ Para finalizar, a questão abordava o seguinte: O que você gostaria que mudasse na escola? Os educandos tinham como opção a estrutura física, os professores, a direção, as aulas e um espaço para resposta pessoal.

Segundo os alunos, afirmaram que o que precisam é melhorar a estrutura física da escola. Eles disseram que a escola é pequena para desenvolver algumas atividades como Educação Física.

Sugeriram para melhorar o banheiro, os quadros, que pintasse e que eles tivessem acessos a jogos como o de xadrez.

É cabível a colocação feita pelos alunos, pois com o aumento da comunidade, aumenta a demanda de alunos para a escola. E o tamanho da escola está limitando o trabalho do professor, as vezes até planeja uma aula dinâmica mas precisa de uma espaço ara ser explorado e fica difícil de ser realizado devido a sua estrutura. Fundamentando essa análise, Lopes enfoca que:

(...) entendemos que um planejamento dirigido para uma ação pedagógica crítica e transformadora possibilitará ao professor maior segurança para lidar com a relação educativa que ocorre na sala de aula e na escola como um todo. Nesse sentido, o " planejamento adequado", bem como o seu resultado - " o bom plano de ensino" - se traduzirá pela ação pedagógica direcionada a fornira a se integrar dialeticamente ao concreto do educando buscando transforma-lo. (LOPES, 1991, p. 43)

Enfim, é um processo que precisa ser repensado e visto de uma perspectiva crítica da educação para que possa contribuir para a qualidade da aprendizagem.

3.2 Análise dos questionários dos professores

Essa análise foi realizada na escola Coronel Joaquim Matos, localizada na Avenida Júlio Marques do Nascimento, na cidade de Cajazeiras na Paraíba na turma do 5 ano. A finalidade do estudo tem por objetivos saber a relevância que tem o ato de planejar como tarefa do professor para o desenvolvimento das atividades aplicadas a partir da sua prática em sala de aula.

_ A primeira pergunta abordou o seguinte: Em sua opinião, a forma que a escola trabalha o planejamento é satisfatória?

Não, segundo a professora X entrevistada, em suas palavras relatadas que muitos dos seus colegas não entendem o verdadeiro significado do planejamento. Uns por causa do tempo, por trabalhar em outras escolas, por falta de disponibilidade e até mesmo por falta de interesse. E quando acontece de estar numa reunião de planejamento perde o foco e acabam se

envolvendo em assuntos fúteis para a realidade do que se intensiona fazer. Por ser uma tarefa complexa a discussão é indispensável como afirma Acácia que:

É neste momento que surge a necessidade da instauração de um processo participativo e integrado de discussão, investigação, decisão e ação, que deverá envolver os profissionais de educação e as formas organizadas da sociedade (sindicatos, partidos, associações, etc.). (KUENZER, 2001, p. 75)

É uma das tarefas mais difíceis de executar, devido a essas situações citadas pela professora, pois requer tempo e agilidade para se obter bons resultados.

_ Ao perguntar: De que forma você elabora o seu plano de aula?

Atualmente, os professores disseram que elaboram diariamente. Mas em outros tempos atrás, faziam planejamentos mensais e semanais, porém, hoje não dá mais para elaborar o seu plano de aula assim, os relataram. Pois a demanda de informações é muito grande e o professor precisa atualizar esses alunos com a correria desse sistema de mundo que vivemos.

_ Na terceira questão perguntamos: Qual é a importância do planejamento para o processo de ensino-aprendizagem?

A professora X aborda que o planejamento é fundamental. Tudo na escola deve ser planejado. Se não houver planejamento, não tem como acontecer o nosso trabalho. Como declara Antônia que:

(...) uma educação integradora, onde professores e alunos produzam conhecimentos a partir da participação da escola na sociedade e vice-versa, estará formando efetivamente um educando com possibilidades de contribuir concretamente para a transformação da sociedade.(LOPES, 1991, p. 50)

O Planejamento deve acontecer em conjunto e depois dividir as responsabilidades para que a criança se desenvolva em cada uma das fases de uma criança.

_ A quarta pergunta diz respeito as dificuldades mais frequentes no planejamento.

A professora X diz que há um tempo, a resposta seria as fontes por não disponibilizar de muitas fontes. Mas hoje, o que emperra são más colaborações dos colegas dentro e fora da escola.

Acreditamos ser o planejamento uma das atividades mais importantes por nortear uma série de elementos que facilita a mediação entre o professor e o aluno. Uma aula bem ministrada é certeza acontecer produção de conhecimentos, considerando as reflexões.

_ Quando perguntamos se a professora está envolvida ou já se envolveu em algum projeto sobre o planejamento, obtivemos em resposta que:

Ela disse que não está envolvida mas já participou em outras escolas onde a participação era ativa e de grande perspectiva. Quanto ao exposto Padilha diz que:

(...) a atividade de planejar é atividade intrínseca à educação. Põe suas características básicas de evitar o improvisado, prever o futuro, de estabelecer caminhos que podem nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, especialmente quando garantida a socialização do ato de planejar, que deve prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação. (PADILHA, 2001, p.41)

Enfim, os professores devem ser planejadores e devem também conscientizar-se de que sem o planejamento ficará difícil de construir o conhecimento nos alunos para que eles se apropriem do mesmo, assim como será impossível ao professor elaborar suas atividades pedagógicas.

3.3 Análise do questionário do gestor

Essa análise foi realizada na escola Coronel Joaquim Matos, localizada na Avenida Júlio Marques do Nascimento, na cidade de Cajazeiras na Paraíba. A análise dos dados do questionário do gestor tem por objetivo conhecer a visão do gestor da escola e saber como acontece o ato de planejar na escola em estudos.

_ Quando perguntamos como acontece o ato de planejar na escola:

Segundo a gestora K o planejamento acontece com uma reunião de todos com horário e dia previamente estabelecido em calendário. Se discute todos os assuntos relacionados à educação e aos conteúdos ministrados, se tira dúvidas, expõe problemas, soluções, etc.

E abertura é feita geralmente com uma mensagem de estímulo aos professores e em seguida discutida. Como afirma Clódia que o planejamento é: " processo que consiste preparar um conjunto de decisões tendo em vista de agir, posteriormente, para atingir determinados objetivos." (TURRA, p. 13)

É dessa forma que devemos executar um planejamento, envolvendo todos os que fazem parte da escola. Deve-se ter cuidado de sistematizar os assuntos para que de repente não perca o foco do que deve ser discutido e assim as atividades possam ser realizadas.

_ Ao perguntar sobre projetos relacionados ao planejamento da escola:

A gestora K que todos os projetos que se tem na escola estão relacionados ao planejamento. Tem o PME (Projeto de Melhoria da Escola) e o POPE (Plano de Organização Pedagógica da Escola) nos quais existem todas as ações a serem desenvolvidas em todos os setores: técnico, administrativo e pedagógico da escola. Acreditamos que esses projetos que o governo impõe às escolas são interessantes, mas não passa de um caráter administrativo. Ficaria mais interessante se fossem desenvolvidos projetos que partissem da necessidade real da escola.

_ Quanto as dificuldades mais frequentes no planejamento.

A gestora k relatou que a maior dificuldade é juntar todos os professores num mesmo horário, tendo em vista, a jornada dupla de trabalho em outras escolas e não estarem disponíveis para os horários marcados pela escola.

Isso tem sido a dificuldade da maioria, pois alguns professores trabalham em outras escolas, que por sua vez, não se doa nem a um nem a outro. Em vez de se dedicar a uma escola e ali fazer o que tem que ser feito acaba "empurrando com a barriga", como diz o ditado. Mas há pessoas que se dizem desenvolver um bom trabalho, não sei como, até por que dificulta na disponibilidade dos horários para se reunirem e tratarem das necessidades reais da escola.

_ Procuramos identificar de que forma a escola tem buscado soluções para esses problemas.

A gestora K disse que tenta conciliar os horários, os turnos para que todos participem. É importante que participem toda a escola, pois para se obter a solução a partir da sua necessidade ou dificuldade quando levada para discussão, surgem caminhos que podem levar a solução.

E por fim, perguntamos se a comunidade contribui de alguma forma no planejamento da escola:

Segundo a gestora K, relatou em suas palavras que sim. Nas reuniões são tiradas sugestões dos pais e da comunidade escolar para o planejamento, tanto escolar como pedagógico.

E extremamente importante que a comunidade (os pais dessas crianças especificamente) participe do planejamento para que exponham as suas necessidades e para que a escola ajude-os. E quando isso não acontece é um trabalho dobrado, por que aquelas crianças serão o futuro da própria comunidade, como a escola vai preparar essas crianças sozinha? É preciso que cada um contribua nesse processo. Reconhecendo como é válido o planejamento coletivo, destaca José Carlos que:

O encontro de pessoas, por meio do diálogo e do debate, em que se discutem, decidem e assumem as realidades comuns, provoca crescimento pessoal e comunitário, tornando possível uma educação escolar mais humana e mais participativa. (LIBÂNEOJ999, pp.28 E 29)

É nesses encontros que acontece a reflexão de assuntos relacionados à educação no intuito de melhorar a qualidade do trabalho profissional e o planejamento é o elemento primordial.

3.4 Análise do estágio

O Estágio foi realizado na Escola Coronel Joaquim Matos, Rotary, localizado na Avenida Júlio Marques do Nascimento na cidade de Cajazeiras, na Paraíba, no quarto ano das séries iniciais, numa sala de 30 alunos.

Quando vimos a sala de aula, com o número de alunos elevados, eu disse pra mim mesmo, me sinto realizada, foi tudo o que eu sempre sonhei. Na primeira semana, então foi uma

maravilha, tudo o que planejei, executei, as crianças apesar de conversar bastante, mais dava para controlar, foi proveitoso.

Na segunda e na terceira semana, passei a descobrir a realidade da sala. Já tinha passado, cinco professores naquela turma e nenhum conseguiu permanecer. E o que me deixou constrangida é que eles contavam com maior zombaria. Não tinham limites em nada, toda hora queriam beber água, ir ao banheiro, se levantar e aí eu disse preciso tomar algumas providências. Coloquei algumas regras, como na hora da aula, nem peçam pra sair, que não vai, desobedeceu está sem recreio, depois do recreio teriam que entrar primeiro do que eu e assim fui tentando fazer com que eles compreendessem que a escola tem seus princípios e que estes devem ser obedecidos. Estas semanas para mim foram impactantes pois se tratou apenas de desafios.

Na última semana já percebemos a diferença, quando eles tentavam realizar as mesmas práticas, eles mesmos discutiam o que eu tinha determinado. Lógico que tudo isso em amor e pacientemente. Sem falar que por diversas vezes, chamei alguns para conversar, levando-os a refletirem a sua própria prática.

No estágio, mais do que qualquer outro momento, percebi a responsabilidade e o compromisso que se deve ter um professor, é de elevadíssimo tamanho. Interessante é que o professor realmente deve ter também uma bagagem de excelentes suportes para responder às necessidades que surgem na escola e enfrentar as dificuldades vindouras, obtendo soluções para cada situação.

Com bastante ênfase, percebemos como é precária a execução do planejamento, apesar de reconhecerem a importância do mesmo, ainda é uma tarefa não concluída, por que nas oportunidades das reuniões que acontecem, que são raríssimas, pois não é fácil juntar todos os professores, nas reuniões, o que deveria ser discutido passa batido e mais uma vez, nada resolvido ou esclarecido.

Enfim, o estágio me levou a refletir sobre o papel do professor e se de fato, é o que tanto sonhei. Claramente, estou satisfeita com os resultados do mesmo, e com aquela sensação intermediária de tarefa cumprida e ao mesmo tempo de iniciante de carreira profissional. E

espero a cada dia exercer a profissão compromissada e não cair na rotina, mas sempre despertar para o conhecer mais, buscar mais com agilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi de extrema relevância trabalhar essa temática, pois “cientificamente” falando é um conhecimento riquíssimo e além de tudo necessário para o professor. Esse tema “planejamento” foi escolhido devido a curiosidade e dos comentários das colegas, fazendo do mesmo um “bicho”. E isso me levou a conhecer o que de fato seria planejar, sem falar que no pedagógico o que mais nos fazia tremer as bases eram os planos de aulas. Conhecer mais dessa temática foi um auxílio não só na minha vida acadêmica mais também também para as demais áreas, levando-me a fazer mudanças de atitudes e ações.

Foi esclarecido a sua utilidade para essa área de trabalho, sem planejar torna-se impossível de executar um bom trabalho enquanto educador, pois fico a me indagar como um professor ainda vai para a sala sem planejar. Apesar de ser útil não é muito fácil de se praticar, porque requer tempo, disposição e esforço e participação. E ao mesmo tempo se torna prático, pois é a partir dele, que podemos obtemos os resultados satisfatórios..

Portanto, é o planejamentos que determina o que deve ser feito, como deve ser feito e para quem. É a escola que vai sistematizar esses saberes, a partir da ideologia defendida e trabalhada pelos administradores da instituição com base nas necessidades que surgirem na mesma. Aqui também levará a reflexão das relações entre a teoria e a práxis, implicando em grandes transformações.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. – Introdução.** Brasília: MEC/SEF, 2001.

DALMAS, Ângelo. **Planejamento Participativo na Escola.** 7ªed. Petrópolis, 1999.

DOMINGUES, Ivone. **Quer acertar? .** In: A arte de planejar. Revista Nova Escola. Ed. Dezembro, 2000.

GANDI, Danilo. **Planejamento como Prática Educativa.** 4ªed. Loyola.

_____, Danilo. **A prática do planejamento participativo.** Vozes, 1999.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Planejamento e educação no Brasil / Acácia Z. Kuenzer, Maria Julieta Costa Calazans e Walter Garcia. – 5. ed. – São Paulo, Cortez, 2001.**

LIBÂNEO, José CARLOS. **O planejamento Escolar.** In: Didática. – São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, Antônia Osima. **Planejamento do Ensino numa Perspectiva Crítica de Educação.** In: Repensando a didática. 5ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 1991.

MENEGOLLA, Maximiliano. **Por que planejar? Como planejar?** 8ªed., Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Gestão democrática da educação: desafios contemporâneos/ Dalila Andrade Oliveira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.**

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento Educacional na Perspectiva da Escola Cidadã.** In: Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2005.

TURRA, Clódia Godoy. **Planejamento do Ensino e Avaliação.** 10ªed. Jagra: Porto Alegre.

ANEXOS

Nome: _____
Idade _____
Tempo que trabalha em Educação: _____
Formação: _____

QUESTIONÁRIO AO ALUNO

1_ Como são as aulas da professora?

2_ Você está satisfeito com essa forma da aula? O que você gostaria de mudar?

- recursos
- metodologia
- sala
- outros

3_ Você acha que o trabalho que a escola realiza é:

- regular
- bom
- ótimo
- outros

4_ O que você mais gosta na escola?

- recreio
- aula
- brincadeiras
- eventos
- outros

5_ O que você gostaria que mudasse na escola?

- estrutura física
- professores
- direção
- aulas
- outros

Nome: _____
Idade _____
Tempo que trabalha em Educação: _____
Formação: _____

QUESTIONÁRIO AO PROFESSOR

1_ Em sua opinião, a forma que a escola trabalha o planejamento é satisfatória?

2_ De que forma você elabora o seu plano de aula?

- () semanalmente
- () mensalmente
- () diariamente

3_ Qual a importância do planejamento para a escola no processo de ensino?

4_ Quais as dificuldades mais freqüentes no planejamento? Por quê?

5_ Você está envolvida ou já se envolveu em algum projeto sobre o planejamento? Conte a sua experiência.

Nome: _____
Idade _____
Tempo que trabalha em Educação: _____
Formação: _____

QUESTIONÁRIO AO GESTOR

1_ Como acontece o ato de planejar nessa escola?

2_ Há algum projeto relacionado ao planejamento na escola?

3_ Quais as dificuldades mais freqüentes no planejamento?

4_ De que forma a escola tem buscado soluções para esses problemas?

5_ A comunidade contribui de alguma forma no planejamento da escola?
